

Exame Final Nacional de Português
Prova 639 | Época Especial | Ensino Secundário | 2023
12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho | Decreto-Lei n.º 22/2023, de 3 de abril

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

10 Páginas

A prova inclui 10 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 5 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia o poema.

SONETO CIENTÍFICO A FINGIR

Dar o mote ao amor. Glosar o tema
tantas vezes que assuste o pensamento.
Se for antigo, seja. Mas é belo
e como a arte: nem útil nem moral.

5 Que me interessa que seja por soneto
em vez de verso ou linha devastada?
O soneto é antigo? Pois que seja:
também o mundo é e ainda existe.

Só não vejo vantagens pela rima.
10 Dir-me-ão que é limite: deixa ser.
Se me dobro de mais por ser mulher
[esta rimou, mas foi só por acaso]

Se me dobro de mais, dizia eu,
não consigo falar-me como devo,
15 ou seja, na mentira que é o verso,
ou seja, na mentira do que mostro.

E se é soneto coxo, não faz mal.
E se não tem tercetos, paciência:
dar o mote ao amor, glosar o tema,
20 e depois desviar. Isso é ciência!

Ana Luísa Amaral, *O Olhar Diagonal das Coisas*,
Lisboa, Assírio & Alvim, 2022, p. 275.

* 1. Nos versos 19 e 20, lê-se «dar o mote ao amor, glosar o tema, / e depois desviar. Isso é ciência!».

Refira dois aspetos que, no poema apresentado, exemplifiquem a transgressão da tradição poética.

*** 2.** Explícite, de acordo com o sentido do poema, as razões pelas quais o sujeito poético transgride algumas regras.

3. Para reforçar o posicionamento adotado ao longo do poema, o sujeito poético recorre

- (A)** a anáforas e à repetição do verso 1.
- (B)** a antíteses e à oração consecutiva no verso 2.
- (C)** a anáforas e à oração consecutiva no verso 2.
- (D)** a antíteses e à repetição do verso 1.

PARTE B

Leia o texto.

ROMEIRO

Tu, bem sei que duvidaste sempre da minha morte, que não quiseste ceder a nenhuma evidência: não me admirou de ti, meu Telmo. Mas também não posso — Deus me ouve —, não posso criminar ninguém porque o acreditasse: as provas eram de convencer todo o ânimo; só
5 lhe podia resistir o coração. E aqui... coração que fosse meu... não havia outro.

TELMO

Sois injusto.

ROMEIRO

Bem sei o que queres dizer. — E é verdade isso? é verdade que por toda a parte me
10 procuraram, que por toda a parte... ela mandou mensageiros, dinheiro?

TELMO

Como é certo estar Deus no Céu, como é verdade ser aquela a mais honrada e virtuosa dama que tem Portugal.

ROMEIRO

15 Basta: vai dizer-lhe que o peregrino era um impostor, que desapareceu, que ninguém mais houve novas dele; que tudo isto foi vil e grosseiro embuste dos inimigos de... dos inimigos desse homem que ela ama... E que sossegue, que seja feliz. — Telmo, adeus!

TELMO

E eu hei de mentir, senhor, eu hei de renegar de vós, como ruim vilão que não sou?

20

ROMEIRO

Hás de, porque eu te mando.

TELMO

(em grande ansiedade)

25 Senhor, senhor, não tenteis a fidelidade do vosso servo. É que vós não sabeis... D. João, meu senhor, meu amo, meu filho, vós não sabeis...

ROMEIRO

O quê?

TELMO

Que há aqui um anjo... uma outra filha minha, senhor, que eu também criei...

30

ROMEIRO

E a quem já queres mais que a mim: dize a verdade.

TELMO

Não mo pergunteis.

ROMEIRO

35 Nem é preciso. Assim devia de ser. Também tu! — Tiraram-me tudo. (*pausa*) — E têm um filho, eles?... — Eu não... — E mais, imagino... Oh, passaram hoje pior noite do que eu. Que lho leve Deus em conta e lhes perdoe como eu perdoei já. — Telmo, vai fazer o que te mandei.

TELMO

Meu Deus, meu Deus! que hei de eu fazer?

40

ROMEIRO

O que te ordena teu amo. — Telmo, dá-me um abraço. (*Abraçam-se.*) Adeus, adeus, até...

TELMO

(*com ansiedade crescente*)

Até quando, senhor?

45

ROMEIRO

Até ao dia de juízo.

TELMO

Pois vós?...

ROMEIRO

50 Eu... — Vai, saberás de mim quando for tempo. Agora é preciso remediar o mal feito. Fui imprudente, fui injusto, fui duro e cruel. E para quê? — D. João de Portugal morreu no dia em que sua mulher disse que ele morreria. Sua mulher honrada e virtuosa, sua mulher que ele amava... oh Telmo, Telmo, com que amor a amava eu! — Sua mulher que ele já não pode amar sem desonra e vergonha!... Na hora em que ela acreditou na minha morte, nessa hora
55 morri. Com a mão que deu a outro riscou-me do número dos vivos. D. João de Portugal não há de desonrar a sua viúva. Não: vai; dito por ti terá dobrada força: dize-lhe que falaste com o romeiro, que o examinaste, que o convenceste de falso e de impostor... dize o que quiseses, mas salva-a a ela da vergonha, e ao meu nome da afronta. De mim já não há senão esse nome, ainda honrado; a memória dele que fique sem mancha. — Está em tuas mãos, Telmo,
60 entrego-te mais que a minha vida. Queres faltar-me agora?

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*,
edição de Maria João Brilhante, Lisboa, Comunicação, 1982, pp. 209-214.

* 4. Explique a ansiedade manifestada por Telmo, considerando o conteúdo das linhas 1 a 33.

* 5. Ao longo da cena, assiste-se à humanização do Romeiro, o que está patente na grandeza moral e no altruísmo manifestados pela personagem.

Justifique esta afirmação com base em dois aspetos presentes no diálogo travado com Telmo a partir da linha 34.

6. Considere as afirmações seguintes sobre o excerto de *Frei Luís de Sousa* apresentado na prova.

- (A) Na sua fala inicial, D. João revela a mágoa de saber que não era amado pela esposa.
- (B) Na sua segunda fala, Telmo assume a defesa de Madalena.
- (C) O amor de Telmo por D. João é negado na forma como se lhe dirige em «D. João, meu senhor, meu amo, meu filho» (linhas 24 e 25).
- (D) O sentimento e a emoção afloram em expressões como «oh Telmo, Telmo, com que amor a amava eu!» (linha 53).
- (E) Ao afirmar «Na hora em que ela acreditou na minha morte, nessa hora morri.» (linhas 54 e 55), D. João revela a sua indiferença face ao facto de Madalena se ter convencido da sua morte.

Identifique **as três afirmações verdadeiras**.

Escreva, na folha de respostas, o número do item e as três letras que correspondem às afirmações selecionadas.

PARTE C

- * 7. Baseando-se na sua experiência de leitura da poesia lírica de Camões, escreva uma breve exposição sobre o modo como o tema do amor é abordado nas redondilhas e nos sonetos camonianos.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicita duas características significativas do amor tal como é representado na poesia lírica camoniana, fundamentando cada uma dessas características em, pelo menos, um exemplo significativo;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

GRUPO II

Leia o texto.

A linguagem humana, baseada em símbolos, é inseparável da autoconsciência, pelo menos no sentido de que a única espécie de animais plenamente conscientes de si próprios, a nossa, é também a única espécie simbólica e linguística. Pelo mesmo motivo, ficamos sem resposta à pergunta de saber se pode existir raciocínio sem a linguagem humana (o contrário é impossível). É difícil ir mais longe, mas também é difícil imaginar uma espécie em que as duas propriedades, a comunicação baseada em símbolos e o pensamento racional, não estejam unidas. Pode raciocinar-se sem palavras? Não é o pensamento, precisamente, um monólogo interior?

Todos os animais comunicam entre si, mas só nós é que o fazemos por meio de símbolos, ou seja, de símbolos arbitrários (fruto do capricho e da invenção) que só são entendidos pela comunidade que os usa e que são incompreensíveis para os restantes, porque não são universais como os instintos. O mesmo é válido tanto para os sons (fonemas) que significam alguma coisa (uma palavra falada), como para uma estrela de cinco pontas no código militar, a borla dos doutorados numa cerimónia académica ou a aliança de casamento na vida social (pelo menos no Ocidente). Nenhum destes sinais está inscrito no nosso genoma. Para codificar conceitos, um objeto de adorno é o mesmo que um ritual fúnebre, uma obra de arte ou um idioma (os objetos de adorno e a arte paleolítica não se criaram para causar uma impressão estética no observador, ou não apenas para isso, mas para comunicar e partilhar ideias).

Cada um de nós, seres humanos, utiliza o nosso idioma, o da nossa comunidade linguística, quando mantemos conversas digitais, em *chats*, mas recorremos com frequência, o que é curioso, aos *emoticons* para conseguirmos que realmente nos compreendam. E estes ícones são internacionais e valem para todos os países. Não estão em inglês, espanhol, árabe ou chinês. Sem os *emoticons* perdem-se *nuances* importantes, como a ironia, o enfado, a simpatia, a cumplicidade, o amor, o humor, o pesar, etc. São os melhores veículos, mais eficazes e mais seguros, para transmitir emoções, mais do que as palavras escritas. Substituem as inflexões do tom de voz e a linguagem corporal que se perdem num *chat*. Ninguém é capaz de estar a falar durante muito tempo num tom neutro sem mexer um músculo, numa conversa em pessoa.

Olhe, leitor, para um quadro de *emoticons*. Verá que muitos deles correspondem a expressões faciais. Toda a gente os percebe, talvez por se terem generalizado com o uso dos telemóveis e de outros dispositivos, mas também, seguramente, porque fazem parte do património biológico da espécie e estão, como se costuma dizer, nos nossos genes (todos os seres humanos choram quando estão tristes). Pode ver-se assim como a biologia e a cultura convivem e se complementam nos seres humanos. Cada comunidade fala o seu idioma (a cultura), mas todos usamos os mesmos *emoticons* (a biologia).

Juan Luis Arsuaga, *Vida, a Grande História – Uma Viagem pelo Labirinto da Evolução*, Lisboa, Temas e Debates, 2021, pp. 450-451.

* 1. De acordo com o referido no texto, a linguagem humana e o pensamento são

- (A) complementares.
- (B) desarticulados.
- (C) indissociáveis.
- (D) independentes.

2. No segundo parágrafo do texto, o carácter simbólico da linguagem humana é reforçado

- (A) pela apresentação de exemplos de outros códigos.
- (B) pela referência à condição animal do ser humano.
- (C) pela distinção inequívoca entre fonemas e palavras faladas.
- (D) pela demonstração da necessidade de codificar conceitos.

* 3. De acordo com o autor do texto, recorre-se aos *emoticons* para

- (A) subjugar o património cultural à supremacia dos ícones que são universalmente reconhecidos.
- (B) reforçar os entraves linguísticos colocados pela comunicação em conversas digitais.
- (C) exprimir matizes emocionais reveladores de aspetos prosódicos e de linguagem corporal.
- (D) determinar os limites linguísticos que são impostos pela existência de diferentes idiomas.

4. As orações «talvez por se terem generalizado com o uso dos telemóveis e de outros dispositivos» (linhas 29 e 30) e «mas também, seguramente, porque fazem parte do património biológico da espécie» (linhas 30 e 31) exprimem

- (A) a modalidade epistémica com valor de certeza, no primeiro caso, e a modalidade epistémica com valor de probabilidade, no segundo caso.
- (B) a modalidade apreciativa, no primeiro caso, e a modalidade deontica com valor de permissão, no segundo caso.
- (C) a modalidade epistémica com valor de probabilidade, no primeiro caso, e a modalidade epistémica com valor de certeza, no segundo caso.
- (D) a modalidade deontica com valor de permissão, no primeiro caso, e a modalidade apreciativa, no segundo caso.

* 5. Todos os constituintes sublinhados desempenham a função sintática de complemento do adjetivo, **exceto** em

- (A) «incompreensíveis para os restantes» (linha 11).
- (B) «espécie de animais» (linha 2).
- (C) «inseparável da autoconsciência» (linha 1).
- (D) «conscientes de si próprios» (linha 2).

6. Em «de símbolos arbitrários (fruto do capricho e da invenção) que só são entendidos pela comunidade que os usa e que são incompreensíveis para os restantes» (linhas 10 e 11), o pronome pessoal sublinhado está anteposto ao verbo por estar
- (A) dependente de um sujeito subentendido.
 - (B) dependente do vocábulo «só».
 - (C) integrado numa oração coordenada.
 - (D) integrado numa oração subordinada.

* 7. As orações iniciadas por «que» na linha 12 e na linha 28 classificam-se como

- (A) oração subordinada adjetiva relativa restritiva, no primeiro caso, e oração subordinada substantiva completiva, no segundo caso.
- (B) oração subordinada substantiva completiva, no primeiro caso, e oração subordinada adjetiva relativa restritiva, no segundo caso.
- (C) orações subordinadas adjetivas relativas restritivas, em ambos os casos.
- (D) orações subordinadas substantivas completivas, em ambos os casos.

* GRUPO III

Na sociedade contemporânea, tão frequentemente caracterizada pelo individualismo, será possível o ser humano experienciar um amor em que, espontaneamente, coloca a felicidade do ser amado em primeiro lugar?

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defenda uma perspectiva pessoal sobre a questão apresentada.

No seu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- formule uma conclusão adequada à argumentação desenvolvida;
- utilize um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2023/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 10 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	Grupo										Subtotal
	I					II				III	
	1.	2.	4.	5.	7.	1.	3.	5.	7.		
Cotação (em pontos)	13	13	13	13	13	13	13	13	13	44	161
Destes 5 itens, contribuem para a classificação final da prova os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	I		II								Subtotal
	3.	6.	2.	4.	6.						
Cotação (em pontos)	3 × 13 pontos										39
TOTAL											200